

# EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA: NA PERSPECTIVA TEÓRICA EMANCIPATÓRIA DE PAULO FREIRE

*YOUTH AND ADULT EDUCATION - EJA: FROM PAULO FREIRE'S EMANCIPATORY THEORETICAL PERSPECTIVE*

*EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS - EJA: EN LA PERSPECTIVA TEÓRICA EMANCIPADORA DE PAULO FREIRE*

Paula Sperfeld<sup>1</sup>  
Francisca Josiane Lopes Buchmayer<sup>2</sup>  
Luciane Santos Caetano<sup>3</sup>

## Resumo

Este trabalho tem como tema a Educação de Jovens e Adultos na perspectiva emancipatória, baseado na *práxis* libertadora do método Paulo Freire. A problemática do estudo está na pergunta orientadora: a dinâmica do processo de educação crítico emancipatório de Paulo Freire entende o educando como sujeito crítico, histórico e social? Essa questão se justifica, pois, é urgente a discussão que se deve fazer sobre as teorias freirianas, tanto no que diz respeito ao campo epistemológico como as práticas educativas, pois é muito comum se ouvir discursos rasos que criticam a teoria de Paulo Freire, críticas essas que se baseiam em achismos e informações fragmentadas. O objetivo geral da pesquisa é explicar sobre a importância dos pensamentos freirianos para a emancipação da educação no Brasil. Com relação aos objetivos específicos são: explicar sobre o processo de ensino de Paulo Freire para os educandos do EJA e elucidar sobre a educação crítico e emancipatória de Paulo Freire. A metodologia utilizada é qualitativa, bibliográfica e documental.

**Palavras-chave:** *práxis*; esperança; diálogo.

## Abstract

This work is concerned with the theme of youth and adult education from an emancipatory perspective, based on the liberating praxis of the Paulo Freire method. The crux of the study can be found in the guiding question: does the dynamic of Paulo Freire's critical emancipatory education process recognize the student as a critical, historical, and social subject? This question is justified by the urgent need to engage with Freire's theories, both in terms of epistemological frameworks and educational practices. Frequently, one encounters critiques of Paulo Freire's theory that are based on conjecture and fragmented information. The overarching objective of this research is to elucidate the significance of Paulo Freire's contributions to the emancipation of education in Brazil. The specific aims are twofold: firstly, to explicate Paulo Freire's pedagogical approach for EJA students and secondly, to illuminate the tenets of his critical and emancipatory education. The methodology employed is qualitative, bibliographical and documentary.

**Keywords:** *praxis*; hope; dialog.

## Resumen

Este trabajo tiene como tema la educación de jóvenes y adultos en una perspectiva emancipadora, basada en la *práxis* liberadora del método Paulo Freire. La problemática del estudio está en la pregunta orientadora: ¿la dinámica del proceso de educación crítica emancipadora de Paulo Freire entiende al educando como sujeto crítico, histórico y social? Esa pregunta se justifica, pues, es urgente la discusión que debe hacerse sobre las teorías de Freire, tanto en lo que respecta al campo epistemológico como a las prácticas educativas, ya que es muy común escuchar discursos rasos que critican la teoría de Paulo Freire, críticas que se basan en creencias e información fragmentada. El objetivo general de la investigación es explicar sobre la importancia de los pensamientos freirianos para la emancipación de la educación en Brasil. En cuanto a los objetivos específicos: explicar sobre el proceso de

<sup>1</sup> Serviço Social no Centro Universitário Internacional – UNINTER. E-mail: paulasperfeld@gmail.com.

<sup>2</sup> E-mail: josianevolnei2315@gmail.com.

<sup>3</sup> E-mail: lucianecaetano39@gmail.com.

enseñanza de Paulo Freire para los alumnos del EJA y dibujar sobre la educación crítica y emancipadora de Paulo Freire. La metodología utilizada es cualitativa, bibliográfica y documental.

**Palabras clave:** *praxis*; esperanza; diálogo.

## 1 Introdução

O tema do estudo aborda aspectos educacionais relacionados à educação de jovens e adultos – EJA, à luz da teoria crítico e emancipatória de Paulo Freire. Esse tema é assunto de extrema relevância no campo educacional do Brasil, pois, em relação à teoria de Paulo Freire, existem interpretações equivocadas e não verdadeiras, essas interpretações, em muitas circunstâncias deslegitimam toda a trajetória histórica, cultural e social do filósofo e educador brasileiro. O problema da pesquisa é a seguinte questão: a dinâmica do processo de educação crítico emancipatório de Paulo Freire entende o educando como sujeito crítico, histórico e social?

A pesquisa é relevante e urgente tanto no que se refere às práticas educacionais quanto ao que confere aos estudos epistemológicos, pois, é cabal que seja enfatizada, discutida, interpretadas as teorias freirianas, pois, muitos docentes e sociedade em geral possuem informações equivocadas de cunho empirista sem base teórica de que as teorias de Paulo Freire não geraram ganhos na qualidade do ensino.

O objetivo geral da pesquisa é explicar sobre a importância dos pensamentos freirianos para a emancipação da educação no Brasil. Já os objetivos específicos são os que seguem: explicar sobre o processo de ensino de Paulo Freire para os educandos do EJA e elucidar sobre a educação crítico e emancipatória de Paulo Freire.

A abordagem metodologia é qualitativa, a obtenção de informações foi bibliográfica e documental. Os materiais que foram utilizados na pesquisa foram artigos científicos que abordam sobre os assuntos com os seguintes descritores: “EJA”; “Educação de Jovens e Adultos”; “Paulo Freire e EJA”; “teorias de Paulo Freire”. Além dos artigos, foram utilizados outros materiais como livros de arquivo pessoal, documentários, entre outros.

## 2 Revisão bibliográfica/ Estado da arte

Um dos maiores pensadores sobre a educação de jovens e adultos foi Paulo Freire, suas experiências práticas e seu arcabouço teórico são materiais essenciais para pensar e fazer uma educação de qualidade para a população brasileira que, por diversos motivos e infortúnios, são as principais vítimas do sistema capitalista.

O método Paulo Freire relaciona a alfabetização a realidades dos educandos, ou seja, constitui-se em um movimento político que tem como base a ação-reflexão-ação. No processo de alfabetização e letramento de adultos, a teoria freiriana objetivava a formação integral da pessoa, pois desenvolvida a autonomia dessa, tendo como base o despertar da consciência crítica, constrói-se “o conhecimento de forma ativa e prazerosa, uma vez que, o alfabetizado passa a ser protagonista da construção de seu conhecimento” (Silva, 2020, p. 93).

O método de ensino de Paulo Freire busca envolver os educandos nas aulas, fazendo com que eles se tornem protagonistas do seu saber. Esse método traz para a sala de aula vivências do cotidiano das pessoas, para que elas aprendam, a partir das suas rotinas, a ler, escrever e, principalmente, interpretar o que leram ou escreveram. O método é crítico, pois estimula o questionamento; é emancipatório porque faz a pessoa pensar e concluir ou gerar novos questionamentos a partir do que pensou e analisou; e é uma troca, pois nesse processo educacional o professor aprende enquanto ensina, e ensina enquanto aprende, e isso ocorre também com o educando.

Vê-se que Paulo Freire entendia a pessoa humana como um ser de relações que se afirmava como sujeito de sua existência, construída historicamente em comunhão com os outros homens, o que o definia como um ser dialogal e crítico. Todavia, essa “vocação ontológica de ser sujeito” esbarrava numa realidade social que a contradizia, já que às forças dominantes interessava manter a maioria dos homens em situação de alienação e dominação (Saviani, 2021, p. 5).

O método Paulo Freire teve seu projeto piloto implantado em uma cidade pequena no estado de Pernambuco, nas cidades de Mossoró e de Angicos, no nordeste brasileiro. O modo de ensinar os adultos que faziam parte da turma acontecia a partir das vivências e experiências de vida deles, ou seja, não era feito a partir de um material pronto, o material era desenvolvido nos encontros e com esses materiais o processo de alfabetização e letramento acontecia.

O modo de educar adultos antes (e depois) do método Paulo Freire consistia na utilização de cartilhas prontas, baseada na alfabetização de crianças, a qual deixava o educando totalmente alheio do que se estava sendo repassado.

A cartilha é um saber abstrato, pré-fabricado e imposto. É uma espécie de roupa de tamanho único que serve para todo mundo e para ninguém. Ora, o núcleo da alfabetização é uma fala que virou escrita, uma fala social que virou escrita pedagógica. Mesmo quando há quem diga que ali tudo é neutro e que foi escolhido ao acaso, ou por critérios de pura pedagogia, todos nós sabemos que quem dá a palavra dá o tema, quem dá o tema dirige o pensamento, quem dirige o pensamento pode ter o poder de guiar a consciência. O Cipriano Neto do cordel do “programa”, saberia dizer: “quem dá o mote dá a ideia” (Brandão, 1985, p. 10).

O método Paulo Freire, por sua vez, constrói o conhecimento a partir do saber do educando, trazendo seus conhecimentos de vida para o centro do aprender. O estudante não é um receptor de conteúdo, passivo e aculturado, ele é alguém que possui sua história, sua cultura, seu modo de ver e entender o mundo e tudo que o rodeia. Assim, no método Paulo Freire, esses conhecimentos são respeitados e é partir deles que a alfabetização acontece.

Paulo Freire utilizava em suas aulas o círculo de cultura que envolvia os educandos em ações de diálogos que se dinamizava das conversas entre educadores e educandos, ou entre os próprios estudantes, de modo que se tratava de “um trabalho de educação popular que não disfarçava certa rejeição da forma como o ensino se desenvolvia na educação escolar” (Saviani, 2021, p. 7).

O primeiro passo que foi feito quando o método Paulo Freire foi colocado em prática, foi de conhecer o ambiente em que os educandos moravam e trabalhavam. A educação se misturava com a comunidade, os professores verificam os cotidianos das pessoas e quais eram as palavras mais utilizadas por elas, realizando o que afirma Brandão, de que “o vivido e o pensado que existem vivos na tala de todos, todo ele é importante: palavras, frases, ditos, provérbios, modos peculiares de dizer, de versejar ou de cantar o mundo e traduzir a vida” (Brandão, 1985, p. 12).

Depois dessa fase, o processo de ensino aprendizagem acontece em dupla leitura, pois os educandos aprendem a palavra escrita e a retraduz, entendendo a partir da palavra e da realidade social. A alfabetização precisa acontecer a partir do conhecimento popular, de forma que o aluno seja visto como um ser social que está inserido em um contexto cultural, o qual é comunitário, e é dessa realidade que saem os conteúdos a serem repassados em sala.

Segundo Freire, o ato educativo deve ser sempre um ato de recriação, de ressignificação de significados. O método Paulo Freire tem como fio condutor a alfabetização visando à libertação. Essa libertação não se dá somente no campo cognitivo, mas acontece essencialmente nos campos social e político. Para melhor entender esse processo precisamos ter clareza dos princípios que constituem o método e que são diretamente relacionados às ideias do educador que o concedeu (Couto, 2003, p. 2).

O primeiro princípio diz respeito à interrelação entre a política e o ato educativo, não essa política partidária, mas a política na sua essência, pois a educação não é neutra, e quando dita neutra, defende o opressor. A educação deve ser pensada e feita como contínuas construções e reconstruções de saberes que são flexíveis e dinâmicos à realidade, assim, não é estanque e imutável, e a ação e reflexão podem alterar, modificar e transformar a realidade vivida e/ou a realidade futura. “A visão ingênua que homens e mulheres têm da realidade faz

deles escravos, na medida em que, não sabendo que podem transformá-la, sujeitam-se a ela” (Couto, 2003, p. 2). Essa visão passiva sobre o mundo era fomentada pelos materiais prontos, manuais, cartilhas e livros escolares que “colocam homens e mulheres como observadores e não como sujeitos dessa realidade” (Couto, 2003, p. 2).

O segundo princípio do método Paulo Freire é o diálogo a como ação educativa. Essa interação envolve todos que estão fazendo parte da dinâmica da aula, envolvendo o educador como mediador e os educandos como sujeitos que possuem história e que vão ensinar a partir dessas dinâmicas dialógicas, fazendo novos saberes.

Conhecer, que é sempre um processo, supõe uma situação dialógica. Não há estritamente falando um “eu penso”, mas, um “nós pensamos”. Não é o “eu penso” o que constitui o “nós pensamos”, mas, pelo contrário, é o “nós pensamos” que faz possível pensar. Na situação gnosiológica, o objeto de conhecimento não é o termo do conhecimento dos sujeitos cognoscentes, mas a sua mediação. O tema que tenho diante de mim, como núcleo de minha reflexão, não pode ser o término de meu ato de conhecer porque é e deve ser o objeto que estabelece as relações cognoscentes entre mim e os prováveis leitores do artigo, coo sujeitos também, de conhecimentos (Freire, 1981, p.71).

Ou seja, o processo do saber perpassa da pessoa para o coletivo e depois retorna para a pessoa, como um novo conhecimento, um novo saber, por meio do diálogo, da troca de conhecimento que são adquiridos. Por meio disso, ocorrem novas formas de ver e entender o mundo, o outro e a si mesmo nessa constante que é a vida.

Freire ensina que os seres humanos têm a vocação para a humanização, para o ser mais. Essa vocação se expressa por um ser humano que está em permanente procura, buscando conhecer a si mesmo e ao mundo, buscando se desenvolver intelectualmente, moralmente e afetivamente. A natureza humana nunca é determinada, é sempre inacabada e inconclusa, um eterno vir a ser. O ser humano não é algo pronto e acabado, está sempre recomeçando, criando-se e recriando-se; em cada momento da vida, ainda não é tudo que pode vir a ser. Há sempre mais a saber, mais a amar, mais a fazer, mais a contemplar, mais a sonhar, mais a conhecer. O humano jamais acaba de se tornar humano. E, por serem racionais, seres de pensamento, os humanos sabem que são inacabados e inconclusos. Outras espécies animais também são inconclusas, mas não sabem disso. Os humanos têm consciência disso e é por causa dessa consciência do inacabamento e das infinitas possibilidades que isso traz que se torna possível aprender; é isso que possibilita a educação. É essa condição de inacabamento que pode trazer esperanças em relação ao futuro, pois os humanos sempre podem se tornar mais humanos. E a História não está pronta, ela se faz cotidianamente (Borges, 2021, p. 4).

De forma prática, o método Paulo Freire inicia, como abordado anteriormente, com a investigação temática, ou seja, os mediadores dos estudos para adultos vão conhecer a comunidade, a cultura e a história da população, e o estudo da realidade. No segundo momento, ocorre a tematização, em que são selecionadas as palavras geradoras ou os temas geradores.

“Através da seleção de temas e palavras geradoras, realizamos a codificação e a decodificação desses temas buscando o seu significado social, ou seja, a consciência do vivido” (Couto, 2003, p. 7). Por exemplo, na cidade de Mossoró, a realidade das pessoas que participaram das ações do método Paulo Freire era agricultora. Nesse sentido, as palavras geradoras eram palavras de objetos que compunham a sua realidade, como: farinha, roçado, trabalho.

No terceiro momento ocorria a problematização que supera a visão ingênua e passa para uma visão crítica, que transforma o contexto vivido. Nesse momento, as palavras geradoras são inseridas no contexto social das pessoas. Essas palavras “devem abrigar uma pluralidade de engajamento numa dada realidade social, cultural, política etc.” (Couto, 2003, p. 7). As palavras precisam ser escolhidas de uma maneira que os fonemas da língua portuguesa estejam englobados para que, assim, todas as dificuldades fonéticas sejam trabalhadas.

Essa seleção deve ser conjunta, cabendo, porém, ao educador a seleção gradual das dificuldades fonéticas, uma vez que o método é silábico. Os fonemas trabalhados numa aula deverão ser registrados numa ficha ou no próprio caderno para que o educando, em casa, seja desafiado a construir novas palavras (uma vez que algumas já foram criadas pelo grupo), comparar com as já criadas, descobrindo semelhanças e/ou diferenças entre elas. Nesse processo de construção de novas palavras, leitura e escrita acontecem simultaneamente (Couto, 2003, p. 7).

Esse novo modo de ensino, no qual o educando tem papel principal, foi uma metodologia totalmente inovadora, uma vez que enfatiza a aprendizagem libertadora, não mecânica, abrangente e interdisciplinar que horizontaliza a relação entre educador e educando. Em 1961, por meio de uma documentação intitulada Manual do Monitor, foi feito, em Angicos e Mossoró, um encontro cuja palavra geradora era: salário. Segue o que estava escrito no Manual do Monitor:

Palavra Geradora: Salário

Ideias para discussão:

- A valorização do trabalho e a recompensa.
- Finalidade do salário: manutenção do trabalhador e da família.
- O horário do trabalho segundo a lei.
- O salário-mínimo e o salário justo.
- Repouso semanal – férias – décimo terceiro mês.

Finalidades da conversa:

- Levar o grupo a discutir sobre a situação do salário dos camponeses.
- Discutir o porquê dessa situação.
- Discutir com o pessoal sobre o valor e a recompensa do trabalho.
- Despertar no grupo o interesse de conhecer as leis do salário.
- Levar o grupo a descobrir o dever que cada um tem de exigir um salário justo.

Encaminhamento da conversa:

- O que é que vocês estão vendo neste quadro?
- Como é que está a situação do salário dos camponeses? Por quê?
- O que é salário?

- Como deve ser o salário? Por quê
  - O que é que a gente sabe das leis sobre o salário?
  - O que podemos fazer para conseguir um salário justo?
- (Brandão, 1985, p. 29).

De acordo com essa orientação, o grupo troca ideia, sugere, até o momento que o monitor entende que é hora de trabalhar a palavra em si. O monitor apresenta a palavra salário e começa a desenvolver suas letras, suas sílabas e solicita que os educandos repitam a palavra com ele. Depois, o monitor coloca no círculo a palavra desdobrada em pedaços: sa-lá-ri-o. Depois dessa atividade, apresenta a “ficha da descoberta” que era assim:

Sa- Se- Si- So- Su

La – Le – Li – Lo – Lu

Ri – Ro – Ru – Re – Ra

O – A – E – I – U

A partir dessa ficha, os educandos formavam outras palavras, como, por exemplo: sala, sela, rio, Sara, solo, Sula, sai, Lara, ala, ali, ele, ela, lua, ria, rua, ralo, rali, rala etc.

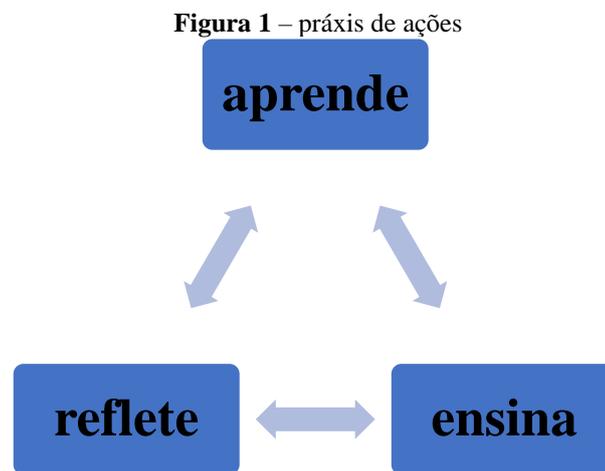
Às vezes é muito difícil falar sobre ideias que deram origem ao Método Paulo Freire, porque elas são muito simples e algumas pessoas precisam complicá-las. Na verdade Paulo Freire não tem sequer uma teoria pedagógica definitiva. Ele tem um afeto e sua prática. Por isso fica difícil teorizar a seu respeito, sem viver a prática que é o sentido desse afeto. Por isso é fácil compreender o que ele tem falado e escrito, quando se parte da vivência da prática do compromisso que tem sido, mais do que sua teoria, sua crença. Como discutir com os termos complicados da ciência um educador cuja ideia-chave é o amor? Procure leitor, folhear de alma limpa os escritos dele. Aos olhos ferozes dos tecnocratas do poder e da educação, pode ser que tudo aquilo não passe de uma espécie de poesia pedagógica, tão edificante quanto inviável. E aos teus olhos? Coisas simples. Paulo Freire acredita que o dado fundamental das relações de todas as coisas do mundo é o diálogo. O diálogo é o sentimento do amor tornado ação (Brandão, 1985, p. 58).

O método Paulo Freire se espalhou por muitas regiões do Brasil por meio de campanhas feitas por igrejas, sindicatos e movimentos populares, mas com o golpe civil militar de 1964 todo esse processo de ensino aprendizagem sofreu um corte abrupto, do qual a sociedade brasileira sente seus efeitos até os dias de hoje.

Em fevereiro de 1964, o governo do Estado de Guanabara apreendeu na gráfica milhares de exemplares da cartilha do Movimento de Educação de Base: *Viver é lutar*. Logo nos primeiros dias de abril, a Campanha Nacional de Alfabetização, idealizada sob direção de Paulo Freire, pelo governo deposto, foi denunciada publicamente como “perigosamente subversiva”. Em tempo de baioneta a cartilha que se cale. Aqueles foram anos – cada vez piores, até 1968 – em que por toda a parte educadores eram presos e trabalhos de educação, condenados. Paulo Freire foi um dos primeiros educadores presos e, depois, exilados. Foi para o Chile com a família, o sonho e o método. Todos exilados do país por 16 anos. Pouco tempo depois da chegada ao Chile o país destacava-se entre todos do mundo pelo seu trabalho em favor do adulto analfabeto. O Chile recebe da UNESCO uma distinção como um dos 5 países que melhor contribuíram para superar o analfabetismo (Brandão, 1985, p. 8).

Com o final da ditadura militar, que ocorreu entre 1985, o método Paulo Freire foi estudado e praticado em alguns ambientes escolares. Trata-se de um método criticado por algumas pessoas e elogiado por outras, mas o importante a dizer desse método é que, como o próprio Paulo Freire asseverava, o método não era estanque e devia ser moldado e remoldado conforme a realidade cultural, histórica e social de cada ambiente, portanto, educar a partir do método exige muito mais que interpretar as teorias de Paulo Freire de forma rasa, pois, para desenvolver, efetivamente, a *práxis* libertadora é necessário conhecimento profundamente suas leituras.

Essa *práxis* libertadora são ações que teorizam, praticam e refletem, novamente, em uma constante criticidade dialógica, em que se entende que o ensino não é engessado e que todos têm algo para aprender e para ensinar. Nesse sentido, a *práxis* é um círculo de ações:



Fonte: elaborado pelas autoras (2023).

Toda a teoria de Paulo Freire, bem como sua prática educativa, política e cidadã foi crítica, dialógica e reflexiva. Seus discursos e seus textos mostram com afeto e esperança que uma educação que liberta e emancipa é possível, de modo que tanto a pessoa que está no papel de educador quanto a que está no papel de educando são sujeitos críticos e podem modificar o meio, a história e a realidade de onde vivem.

Continuo bem aberto à advertência de Marx, a da necessária radicalidade que me faz sempre desperto a tudo o que diz respeito à defesa dos interesses humanos. Interesses superiores aos de puros grupos ou de classes de gente. Ao reconhecer que, precisamente porque nos tornamos seres capazes de observar, se comparar, de avaliar, de escolher, de decidir, de intervir, de romper, de optar, nos fizemos seres éticos e se abriu para nós a probabilidade de transgredir a ética, jamais poderia aceitar a transgressão como direito, mas como uma possibilidade. Possibilidade contra que devemos lutar e não diante da qual cruzar os braços. Daí a minha recusa rigorosa aos fatalismos quietistas que terminam por absorver as transgressões éticas em lugar de condená-las. Não posso virar conivente de uma ordem perversa, irresponsabilizando-

a por sua malvadez, ao atribuir a força cegas e imponderáveis os danos por elas causados aos seres humanos (Freire, 2004, p. 100).

A neutralidade do educador, quando interage com seus educandos, demonstra que a luta é perdida, não se pode, enquanto pedagogos, demonstrar que o mundo não pode ser modificado, pois as aulas que não trazem a perversidade do sistema ao qual a sociedade brasileira está inserida, é uma aula pouco atrativa que, precariamente acrescenta novos saberes ao educando. A educação libertadora é revolucionária, inquieta e mostra aos educandos sobre seus direitos, de modo que não sejam omissos e coniventes com todas as injustiças sofridas por eles e pela comunidade em que vivem.

O que quero repetir, com força, e que nada justifica a minimização dos seres humanos, no caso das maiorias compostas de minorias que não perceberam ainda que juntas seriam a maioria. Nada, o avanço da ciência e/ou da tecnologia, pode legitimar uma ordem desordeira em que só as minorias do poder esbanjam e gozam enquanto às maiorias em dificuldades até para sobreviver se diz que a realidade é assim mesma, que sua fome é uma fatalidade do fim do século. Não junto a minha voz à dos que, falando em paz, pedem aos oprimidos, aos esfarrapados do mundo, a sua resignação. Minha voz tem outra semântica, tem outra música. Falo da resistência, da indignação, da justa ira dos traídos e dos enganados. Do seu direito e do seu dever de rebelar-se contra as transgressões éticas de que são vítimas cada vez mais sofridas. A ideologia fatalista do discurso e da política neoliberais de que venho falando é um momento daquela desvalia acima referida dos interesses humanos em relação aos do mercado (Freire, 2004, p. 101).

Essa educação libertadora conscientiza o educando sobre seus direitos, sobre a importância da curiosidade, do questionamento e, principalmente, do diálogo, pois as discussões e troca de ideias trazem o educando para o centro do saber. Essas ações são fundamentais para a construção desse sujeito social, que entende sobre política, questiona e que não se rende a discursos fragmentados, negando fazer parte dessa alienação coletiva que a ideologia neoliberal insiste em pregar.

A conduta dos oprimidos está prescrita pelos opressores quando se tem como finalidade alcançar o nível de vida do opressor, encarnando-se para essa conquista (que raramente se efetiva) os valores e a conduta das classes ricas. No entanto, o oprimido invadido pela moral e pela condição desejante do opressor atua de maneira contraditória com a sua própria realidade, pois a incorporação dos valores e da conduta das classes ricas como meio para alcançar certo padrão almejado de vida não se mostra coerente com a sua situação existencial concreta. Assim, a adesão cultural conduz à inautenticidade do ser invadido, pois a sua conduta não condiz com a sua realidade. E, nesse processo de adaptação à cultura alheia que recebem as populações invadidas, coloca-se sob ameaça a sua originalidade cultural (Ramalho, 2022, p.8).

A criticidade, que emancipa, deve ser fomentada e polarizada, principalmente nas turmas de EJA, pois muitos dos educandos que estão nessas turmas sentem-se fracassados por

não serem alfabetizados, não entendendo que a culpa não é individual. Essa não conclusão dos estudos “em idade própria” advém da história brasileira em que sempre houve os dominantes e os dominados, em um sistema que prega todos os dias que se deve trabalhar incessantemente para poder “ser cidadão”, e esse trabalho tira o tempo e muitas vezes a esperança da pessoa. Por resultado disso, muitos educandos só puderam ir para a sala de aula na sua juventude ou na vida adulta.

O processo de alfabetização de adultos, visto de um ponto de vista libertador, é um ato de conhecimento. Um ato criador, em que os alfabetizandos exercem o papel de sujeitos cognoscentes, tanto quanto os educadores. Obviamente, então, os alfabetizandos não são vistos como “vasilhas vazias”, meros recipientes das palavras do educador. Deste ponto de vista, ainda, os alfabetizandos não são seres marginais que necessitem ser recuperados ou resgatados. Em lugar de assim serem considerados, eles são vistos como membros da grande família de oprimidos para quem a solução não está em aprender a ler histórias alienadas, mas em fazer história e por ela serem feitos (Freire, 1981, p. 74).

A partir dessa compreensão, de que o educando faz parte da história da coletividade em que vive e pode modificar sua história, seja reivindicando direitos sociais ou exigindo melhorias para a comunidade, será entendido como sujeito ativo na sociedade em que vive, entendendo, assim, que a história não é inexorável, não existe uma hierarquia pré programada que dita as regras de quem pode e quem não pode viver bem, com qualidade de vida, pois, como assevera a Constituição Federal da República Brasileira, todos são iguais e têm os mesmos direitos. Paulo Freire mostra em sua práxis libertária que a esperança deve sempre estar presente, mas não fala da esperança que espera, diz respeito à esperança do verbo esperar, que serve como orientadora de ações tanto para o educando como para o educador.

Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico. Não quero dizer, porém, que, porque esperançoso, atribuo à minha esperança o poder de transformar a realidade e, assim, convencido, parto para o embate sem levar em consideração os dados concretos, materiais, afirmando que minha esperança basta. Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da esperança crítica, como o peixe necessita de água despoluída. Pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo. Mas, prescindir da esperança na luta para melhorar o mundo, como se a luta se pudesse reduzir a atos calculados apenas, à pura cientificidade, é frívola ilusão. Prescindir da esperança que se funda também na verdade como qualidade ética da luta é negar a ela um dos seus suportes fundamentais. O essencial, [...], é que ela (a esperança), enquanto necessidade ontológica, precisa de ancorar-se na prática. Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera pura, que vira, assim, espera vã (Freire, 1997, p. 5).

A luta da docência, seja na Educação para Jovens e Adultos, ou em qualquer outra fase educacional, é uma luta que, se entendida e levada a sério (como deveria ser), é um fazer questionador, que propõe diálogos e inquietudes sobre o contexto atual do mundo em que se vive. Esse entendimento, que muitas ações devem ser feitas em prol dos direitos que o educando e o educador possuem, precisam ser discutidas, dialogadas em sala de aula, a fim de que tanto o educando como o educador façam valer os seus direitos e modifiquem as condições que oprimem e subjugam sua cidadania.

### 3 Considerações finais

Falar sobre o método Paulo Freire, sobre as ações que foram feitas e sobre o processo de corte dessas ações que são oriundas de um golpe civil militar causa indignação e revolta, pois, se o Brasil não fosse uma colônia de exploração, com uma população coadjuvante, a educação poderia ter tomado rumos diferentes dos quais se tem na atualidade, principalmente no que diz respeito à educação de jovens e adultos.

O método Paulo Freire é um método que coloca o educando, seja ele de EJA ou de qualquer outro nível de escolaridade, como ator principal no processo de ensino e aprendizagem, e esse modo de ensinar e aprender é “perigosamente subversivo”, porque dá ao povo a autonomia e a consciência crítica, que, conseqüentemente, faz com que o povo pense sobre o mundo e o contexto no qual se vive. Esse pensar e conscientizar se torna perigoso, pois é por meio da reflexão que se pode enxergar a quantidade de injustiça que a população brasileira passa todos os dias.

Se a educação fosse emancipatória, questionadora e dialógica, o processo educacional que se teria seria muito diferente do que se tem atualmente. Muitos criticam as teorias freirianas, apontando que elas são utópicas, no entanto, não conseguem perceber que a política neoliberal que predomina quer que o discurso seja esse para poder continuar suas práticas cruéis, seletivas e discriminatórias. Muitas pessoas que julgam as teorias e Paulo Freire são tão vítimas do sistema capitalista, enquanto as pessoas que apoiam a teoria não são alienadas.

### Referências

BORGES, M. E. S. O que a obra de Paulo Freire nos convida a pensar? **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, v. 31, n. 64, 2021. DOI: <https://doi.org/10.18675/1981-8106.v31.n.64.s16181>. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/16181>. Acesso em: 23 ago. 2024.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1995. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1992579/mod\\_resource/content/1/O%20que%20e%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1992579/mod_resource/content/1/O%20que%20e%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf). Acesso em: 20 jan. 2023.

COUTO, S. O método Paulo Freire. **USP**, 2003. Disponível em: [https://nedeja.uff.br/wp-content/uploads/sites/223/2020/05/O\\_Mtodo\\_Paulo\\_Freire-1.pdf](https://nedeja.uff.br/wp-content/uploads/sites/223/2020/05/O_Mtodo_Paulo_Freire-1.pdf). Acesso em: 03 fev. 2023.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade: e outros escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1981.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 29ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. **O que é Método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 1985. Disponível em: [http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/4219/2/FPF\\_PTPF\\_12\\_102.pdf](http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/4219/2/FPF_PTPF_12_102.pdf). Acesso em: 21 jan. 2023.

RAMALHO, Ramon Rodrigues. Modelo analítico da pedagogia do oprimido: sistematização do método Paulo Freire. **Revista Brasileira de Educação**, v. 27, e270007, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782022270007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/br7NczPCHrxYzQkfWCQryQH>. Acesso em: 26 ago. 2024.

SAVIANI, D. Paulo Freire, Centésimo Ano: Mais Que Um Método, Uma Concepção Crítica De Educação. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 42, e254988, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/ES.254988>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/d9hmYxnkQf46nXtLGGMkjHk/>. Acesso em: 20 ago. 2024.

SILVA, S. C. R. Método Paulo Freire: uma análise na alfabetização de Jovens e Adultos. *Linguagens, educação e sociedade*, n. 45, 2020. DOI: <https://doi.org/10.26694/les.v0i45.9880>. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/9880>. Acesso em: 05 nov. 2022.